

AS INTERPRETAÇÕES DA PAISAGEM

Janete Ribeiro Sousa¹

Marcos Timóteo Rodrigues de Sousa²

RESUMO

O presente texto é uma reflexão em torno das particularidades das formas de interpretação e de representação da paisagem. Procuramos dissertar sobre os sentidos humanos e sua interação com o mundo material. A economia, as artes e a cultura influenciam o visível e moldam as formas de interpretação do real. A essência e a aparência da realidade são moldadas pela ideologia do sujeito que interpreta os fatos cotidianos.

Palavras Chave: Paisagem, Ideologia, Sentidos e Movimento

THE LANDSCAPE INTERPRETATION

ABSTRACT

The present text is a reflection around the particularities of the interpretation ways and of the landscape representation. We've tried to lecture about the human senses and his interaction with the material world. The economy, the arts and the culture influence the visible and they mold the forms of interpretation of the real. The essence and the appearance of the reality are molded by the subject's ideology that interprets the daily facts.

Keywords: Landscape, Ideology, Senses and Movement

¹ Licenciada em Letras pelo UniFMU e professora da Rede Estadual de Ensino (janeteribsousa@ig.com.br).

² Pesquisador do UniFMU e Doutorando em Geografia pela Unesp/IGCE Rio Claro.

DESCRIÇÃO DO OBJETO

A palavra alemã *Landschaft*, “paisagem”, foi cunhada há milhares de e, hoje, o conceito de paisagem está presente na ciência e na arte (Trol, 1996). Os cinco sentidos permitem perceber volumes, texturas, temperaturas, odores, cores, sons e sabores e a visão é a forma que mais utilizamos para interpretar a paisagem, a interação se dá pelo olhar, mas nem sempre o que vemos ou percebemos corresponde à realidade. A aparência das coisas poderá não ter a mesma essência. A vida material é a formadora da maneira de pensar das pessoas, ou seja, o visível e sua interpretação dependem da história de vida das pessoas. A interpretação pode também estar fortemente marcada pela ideologia, isto é, nem sempre vemos aquilo que vemos, mas vemos o que nos mostram e nos permitem ver.

A paisagem está imbricada ao processo dialético do pensamento no movimento incessante de entender e desvendar a realidade em sua essência; é a manifestação da dimensão do perceptível da organização social. Poderíamos dizer que a paisagem relaciona-se à aparência do movimento; enquanto o sujeito-intérprete dá a essência ao movimento da totalidade social. (Kosik, 1976). Moreira (s/d) diz que Engels já observara no seu “Dialética da natureza” que, ao lado do movimento mecânico, há o movimento químico, o movimento biológico e o movimento social, todos eles formas do vir-a-ser histórico, sendo o movimento mecânico a forma mais elementar de movimento. O movimento da sociedade pode levar o indivíduo a interpretar a realidade, ou o próprio indivíduo poderá conceber suas formas de interpretação da realidade. Os conflitos psicológicos podem deturpar a interpretação do real, a psicossomática nos remete ao entendimento do corpo e da mente.

O conceito de corpo, ou soma, remete às nossas experiências sensoriais imediatas. Quando observamos nossos aspectos somáticos, temos a impressão de algo concreto. O conceito de mente remete a fenômenos não-observáveis concretamente e difíceis de relatar, como as emoções, os sentimentos e o pensamento (Trombini, 2004).

Os conceitos de corpo e mente não são separados. A distinção entre o conceito de mente e corpo tornou-se universal, mas, sobretudo ocidental. Segundo Trombini (2004) foi Descartes que desenvolveu uma visão bastante elaborada do ser humano, acreditando que pudesse ser estudado como uma máquina, no sentido do funcionamento corpóreo. Os cinco sentidos fazem parte de um todo, corpo e mente que, por sua vez, são influenciados pela dinâmica da vida material da sociedade.

De acordo com Kosik (1976) a nossa vida é social-histórica e tudo está em fase de constituição infinita, ou seja, somos representantes de um momento histórico. O que está posto em nosso cotidiano é um mundo idealizado, muitas vezes, os fatos são explicados por ideologias dominantes que dão interpretação a tudo. A paisagem enquanto expressão transtemporal e objetificação da produção humana comporta, na sua essência, a manifestação de um movimento de reprodução social desigual que contém, num mesmo tempo, múltiplas expressões de um movimento determinado pela sociedade. Uma mesma paisagem pode ter um prisma de interpretações, o que reforça e evidencia a idéia de que a paisagem não é meramente a expressão das coisas, mas o captar do movimento de um pensamento formal da própria “coisa objetiva”. A essência e a aparência não se negam, pois a aparência é uma dimensão da essência, um momento de sua manifestação, enquanto que a essência só pode ser compreendida por meio da dimensão que se manifesta como forma aparente (Ribas e all, 1999).

Konder (1988) diz que a dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. De acordo com as propostas da filosofia clássica a razão norteia a nossa forma de pensar desde a Antigüidade, e ela se pauta em alguns princípios básicos. Segundo os filósofos clássicos da Antigüidade o princípio da identidade é a condição do pensamento e sem ele não podemos pensar, ele afirma que uma coisa seja qual for, só pode ser conhecida e pensada se for percebida e conservada a sua identidade. É a condição para que definamos as coisas e possamos conhecê-las a partir de suas definições. Exemplo: o triângulo é uma figura de três lados e de três ângulos. A cada vez que alguém disser “triângulo”, sabemos a qual ser ou coisa se relaciona. O princípio da não-contradição é o princípio no qual a identidade não

poderia funcionar, uma coisa ou uma idéia que se negam a si mesmas se autodestroem, desaparecem e deixam de existir. As coisas e as idéias contraditórias são impensáveis e impossíveis. Exemplo: o triângulo é um triângulo e é impossível ser outra coisa. (Chauí, 1986).

A interpretação da paisagem faz parte de um momento histórico de quem a constrói e a interpreta. Como exemplo citamos o quadro de Salvador Dalí “a criança geopolítica assistindo ao nascimento do novo homem”, de 1943, no qual podemos dar várias interpretações por intermédio da visão. A presença de uma criança assistindo o nascimento de um homem adulto serve para abalar o conceito e reforça o ceticismo do observador, como uma galinha, o novo homem está saindo do globo, que tem uma pele mole diferente de uma casca. O quadro é uma paródia das previsões otimistas da Segunda Guerra Mundial, no qual o novo homem apareceria após a derrocada do nazismo e do fascismo. A paisagem é um momento, um instante, uma manifestação formal e tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, aquela aparente, do imediatamente perceptível, dimensão do real que cabe intuir (Carlos, 2001).

Huberman (1986) nos mostra, no trecho a seguir, uma análise dos seres invisíveis que constroem a realidade de várias pessoas.

Os diretores dos filmes antigos costumavam fazer coisas estranhas. Uma das mais curiosas era seu hábito de mostrar as pessoas andando de carro, depois descerem atabalhoadas e se afastarem sem pagar ao motorista. Rodavam por toda a cidade, divertiam-se, ou se dirigiam a seus negócios, e isso era tudo. Sem precisar pagar nada. Assemelham-se em muito à maioria dos livros da Idade Média, que, por páginas e páginas, falavam de cavaleiros e damas, engalanados em suas armaduras e felizes...poucos indícios há de que alguém devia produzir todas essas coisas... (Huberman, 1986).

Para Trol (1996), todas as paisagens refletem também as transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados. Mas enquanto as paisagens naturais só variam em ritmo secular ou geológico, a paisagem citadina muda relativamente depressa, inclusive, durante o próprio processo de observação. A produção das coisas, ou seja, da paisagem da cidade é a expressão da “ordem” e do “caos”, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível do imediato. O mundo das formas, das representações do dia-a-dia é onde as coisas aparecem de maneira independente, onde ocorrem as manipulações e onde a mesma pode se revelar (Carlos, 2001).

OBJETIVO

A paisagem como objeto de estudo é uma das ferramentas para interpretar textos jornalísticos. Pretendemos municiar os alunos com informações sobre o desenvolvimento dos sentidos humanos e procurar inserir a leitura de jornais, dentro e fora da sala de aula, como fonte de informações para as interpretações da realidade.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS

As interpretações da paisagem são organizadas, em primeiro plano, com textos teóricos e explanação sobre a paisagem enquanto forma de análise da realidade. Este trabalho foi desenvolvido com alunos do ensino médio e fundamental do Estado, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Geografia. Vários recortes de jornal que retratam o cotidiano da cultura, economia e política são distribuídos aos alunos e imediatamente lidos e analisados. As análises necessitam exprimir o tema em termos globais e locais, ou seja, detectar através do fato as interferências do fenômeno na realidade do aluno. Procuramos também entender a visão do jornalista, pois, o mesmo está interpretando o fato de acordo com a sua visão de mundo.

RESULTADOS OBTIDOS

Dentre vários resultados obtidos, destacamos a relação entre a paisagem e a cultura. Pela perspectiva de entender a paisagem como um ponto de partida para a interpretação da realidade, a cultura é uma das maneiras do ser humano expor sua interpretação do mundo. Basta o observador compreender e captar as mensagens enviadas pelo artista. Observemos as três frases seguintes de C. Baudelaire (1999), podemos notar que o autor sugere que a interpretação e o entendimento da arte depende do receptor/observador.

- *A humanidade caminha sempre e irrevogavelmente da experiência para o conhecimento.*
- *Na música, como na pintura, e até mesmo na palavra escrita, que é a mais positiva das artes, há sempre uma lacuna completada pela imaginação do ouvinte.*
- *A verdadeira música sugere idéias análogas em cérebros diferentes.*

As idéias do autor, ou seja, do jornalista, de certa maneira, contem uma carga ideológica expressa na notícia. Como na música, no teatro e na literatura, a visão de mundo do autor se expõe em suas palavras. A partir deste exercício podemos observar que boa parte dos alunos conseguiu entender o significado das interpretações da paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, C.,1999. *Richard Wagner e Tannhauser em Paris*. São Paulo, Primeira Linha.

CARLOS, A.F.A.,2001. *A Cidade*. São Paulo, Contexto.

CHAUÍ, M., 1994. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Hucitec.

COSTA, C., 2005. *Educação, Imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, (Coleção aprender e ensinar com textos)

ENGELS, F., 2000. *A dialética da natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed..

GÂNDAVO, Pero de Magalhães, 1980. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

GOMBRICH, E. H., 1986. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes.

HUBERMAN, L., 1986. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Guanabara.

KONDER, L., 1988. *O que é dialética*. São Paulo, Brasiliense.

KOSIK, K., 1976. *A dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LÉRY, J., 1980. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

MOREIRA, R., s/d. *O círculo e a espiral*. Rio de Janeiro, Obra Aberta.

RIBAS, A et all., 1999. *Marxismo e Geografia: paisagem e espaço geográfico – uma contribuição para o entendimento da sociedade contemporânea*. In Caderno Prudentino de Geografia n.21. Presidente Prudente, AGB-Unesp.

TROL, C., 1996. *A paisagem geográfica e sua investigação*. In Revista Espaço e Cultura, n.2, p. 1-8. Rio de Janeiro, UERJ.

TROMBINI, G., 2004. *Distúrbios Psicossomáticos: como restabelecer o equilíbrio entre corpo e mente*. São Paulo, Loyola.